



José Cardoso Pires

## O amor não dorme, tresnoita...

**CASA DO PAVÃO.** Um nome destes fica na memória duma pessoa como uma moeda de ouro a luzir para toda a vida. Para mim, guardei-o desde a infância como um palacete sem viva alma mas com música lá dentro. Grades à volta, portas mudas, esguias, janelas estreitas e, de frente para o jardim, uma larga varanda onde se passeava um pavão de asas em leque ao som dum piano eterno.

Num quarto andar em frente, morava a minha tia-avó Lucinda, empoeirada numa viuvez cheia de crepes, com toda a Costa do Castelo a seus pés. Sempre que a minha mãe me levava a visitá-la, servia-nos doces de ovos e chá de jasmim, e falava-nos com boquinhas piedosas da Senhora Conselheira que passava a vida no palacete a tocar sonatas para o pavão como uma castelã aferrolhada. De raro em raro, na Primavera, aparecia na varanda e vinha enorme, todos os anos mais enorme e mais pesada, e de camélia na mão. Doença, explicava a minha tia-avó. Elefantíase, uma gordura que não parava de crescer a ponto de já não caber nos corredores, que, ainda por cima, eram estreitos, imagine-se a estupidez. Corredores, portas e janelas, tudo tão acanhado que, no Verão, quando iam de férias para Colares, o Conselheiro tinha de chamar os bombeiros para tirarem a esposa lá de dentro pela varanda da frontaria.

Era um marido extremosíssimo, dizia a minha tia-avó, e, quanto a religião, nem o menor reparo a apontar-se-lhe. Representava a esposa inválida na Conferência de São Vicente de Paula, durante a Semana Santa rezava o terço com ela, trazia-lhe o padre a casa na comunhão pascal, enfim, era um praticante no melhor sentido da palavra. Sem filhos, dedicava-se à política mas diz que, às vezes, também dispen-

*Era um marido extremoso e, quanto a religião, nem o menor reparo a apontar-se-lhe. Representava a esposa inválida na Conferência de São Vicente de Paula, durante a Semana Santa rezava o terço com ela, trazia-lhe o padre a casa na comunhão pascal, era um praticante no melhor sentido da palavra. Sem filhos, dedicava-se à política mas diz que, às vezes, também dispensava ternuras à mulher.*

sava ternuras à mulher, adormecendo-lhe no colo e sonhando alto em espanhol. (Em espanhol? Em espanhol, parece que sim).

Por sua vez, a Conselheira era a pureza em pessoa. Não se lhe ouvia um queixume, uma palavra amarga. Despudores e licenciosidades nem pensá-los, abrenúncio. Se a rádio transmitia uma anedota de revista, cortava imediatamente, ninfas e figuras nuas causavam-lhe arrepios de susto e, no banho, antes de se despir, tapava sempre com uma toalha o periquito de gaiola que estava por cima do espelho.

**SÓ MUITO DEPOIS** da minha tia-avó é que eu soube que o senhor da Casa do Pavão era uma das eminências do Doutor Salazar. Administrador de companhias e deputado da União Nacional, fazia parte das figuras do Chiado entre as duas igrejas e a capelinha dourada da Pastelaria Marques. Enquanto a mulher, em casa, espraia-va poesia pela Costa do Castelo, tocando ao piano a Kreisleriana de Schumann para o pavão de rabo em leque, o Conselheiro e os seus amigos do fim de tarde velavam pela paz da Nação,

debitando leites-cremes e sentenças do Estado Novo à mesa da pastelaria. Com o general Câmara Pina, fazia a ronda das livrarias do Chiado para limpar das montras as obras menos recomendáveis à sintaxe governamental. Com o padre Moreira das Neves comentava os últimos capítulos do Vaticano, visto que ele próprio viera dos seminários beirões com todas as bulas que conduziram aos altares conimbricenses os Salazares, os Cerejeiras e Albinos dos Reis, mais a restante maralha dos camponeses de casaca e condecoração ao peito que limpavam o país com sinais da cruz.

Mas tudo tem o seu fim na hora que Deus determina, como diria a minha tia-avó. E, num Outono pardo, aí pelo meio dia, o Conselheiro deu o triste pio em pleno Chiado, na cama de Palmira Sanchez Bustamante, gerente, com suas irmãs Maruja e Paqueta, numa casa de passe sita na Rua da Misericórdia número 100.

Morte no coito, honra lhe seja feita, morte de estremeção. Um destes colapsos cardíacos que mandam o defunto para o céu de verga no ar e a pingar mel de amor, quer-se melhor?

O cadáver saiu do ingrato lupanar numa maca dos Bombeiros Voluntários (os mesmos que, nas férias do Verão, costumavam libertar a Conselheira pela varanda do palacete?) e, no enterro, à margem das honras oficiais, ouviu-se soluçar em espanhol num murmúrio de dulces niñas. O amor, mesmo mercenário, tem destas coisas.

Hoje, legada à Misericórdia, a Casa do Pavão está vazia e a rua cada vez mais deserta. Numa das vezes em que lá passei, pareceu-me ouvir um piano e imaginei o Conselheiro a dançar na varanda com as pontas da casaca levantadas no ar como duas palmas negras. ●